

REPRODUÇÃO INDUZIDA DE PIAU CORRÓ (*Leporinus lacustris*), COM DIFERENTES INDUTORES HORMONAIS

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Piscicultura

TAVARES, Tainara Vieira¹ (tainara8110@gmail.com); ACUNHA, Rubia Mara Gomes³ (rubia.zootec18@gmail.com); SANTOS, Jussara Garrido¹ (jussarabarreto6668@gmail.com); WANDERLEY, Alysson Martins⁴ (Alyssonmw15@gmail.com), COSTA, Deliane Cristina² (delianecristinac@yahoo.com.br); AMARAL, Cristiane Meldau de Campos² (cmeldau@uems.br).

¹Discente do curso de Zootecnia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Aquidauana

² Docente do Curso de Zootecnia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Aquidauana

³Discente do Programa de Pós Graduação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) – Campo Grande.

⁴Técnico do setor de piscicultura da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Aquidauana

RESUMO:

Entre as principais técnicas de propagação artificial adotados na reprodução de peixes a indução reprodutiva merece destaque, principalmente em condições de cultivo. A espermatogênese e vitelogênese ocorrem naturalmente na maioria das espécies reíflicas, mantidas a condições ideais de confinamento. No entanto, para que sucedam as etapas finais do processo de reprodução, principalmente o processo de maturação final e ovulação das fêmeas, faz se necessário a indução hormonal reprodutiva. O piau corró (*Leporinus lacustris*), pertence ao gênero *Leporinus*, é uma espécie com alta demanda para comercialização como peixe ísca, no entanto não existe relatos na literatura relatos sobre os aspectos ligados a sua reprodução, bem como, o seu desenvolvimento em condições de cativeiro. O trabalho teve como objetivo avaliar a reprodução do piau corró utilizando dois indutores hormonais: hipófise de tilápia (HT) e de carpa (HC). Para o experimento, foi realizado a separação dos animais aptos a reproduzir avaliando características como abdômem abaulado das fêmeas e no caso dos machos animais que estavam espermeando. Após a sexagem e classificação, os animais foram anestesiados e pesados. Na sequência, foram preparados as doses dos diferentes hormônios. A oferta dos hormônios ocorreu da seguinte forma: duas doses nas fêmeas (sendo 0,5 mg/PV na primeira dose e 5 mg/PV na segunda dose (8 horas após a primeira dose)). Nos machos foi realizada uma aplicação única (3 mg/PV no momento da segunda dose das fêmeas). Posteriormente a segunda dose das fêmeas e a primeira dos machos, os animais foram adensados na relação 20 fêmeas para 40 machos) em incubadoras devidamente identificadas como Incubadora HT e incubadora HC. 12 horas após a segunda dose foi realizada a extração dos gametas nas fêmeas e retirada do sêmen do macho para a fecundação a seco, uma vez que a reprodução semi-natural não ocorreu. Após este procedimento, a desova foi colocada na incubadora para eclosão. 10 horas após o procedimento nenhum desova foi encontrada nas incubadoras de HT e HC. Os tratamentos testados não obtiveram resultados positivos com a espécie estudada, no que se refere a fase experimental não foi constatado presença de desova natural e eclosão, mesmo após o procedimento de extrusão e fecundação à seco. o resultado obtido no experimento pode ser consequência das diferenças fisiológicas das espécies doadoras e receptoras ou devido ao fato dos doadores não estarem sexualmente maduros, no momento da retirada das hipófises.

PALAVRAS-CHAVE: Extrusão, hipófise, peixes nativos.

AGRADECIMENTOS: A Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul- UEMS e PIBIC pela concessão da bolsa da primeira autora e ao grupo de pesquisa Peixe Sempre pelo auxílio na elaboração do trabalho.